

Versão Online

ISBN 978-85-8015-038-4

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2007

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

## **SEQÜÊNCIA DIDÁTICA**

Área: Língua Portuguesa

NOME DO PROFESSOR PDE: MARINEIDE BECKHAUSER SATIM

NOME DO ORIENTADOR: Profa. Ms. Fabiana Poças Biondo

Alto Paraná

2007/2008

## **1 IDENTIFICAÇÃO**

1.1 ÁREA: Língua Portuguesa

1.2 PROFESSOR PDE: Marineide Beckhauser Satim

1.3 PROFESSORA ORIENTADORA IES: Professora Ms Fabiana Poças Biondo

### **SEQÜÊNCIA DIDÁTICA**

**GÊNERO TEXTUAL:** Fábulas

**ESCOLA:** Escola Estadual Agostinho Stefanello E.F.

**SÉRIE:** 5ª Série do Ensino Fundamental

**DURAÇÃO:** 03 meses (04 aulas semanais); 1º trimestre de 2008.

## INTRODUÇÃO

O trabalho com seqüências didáticas é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, permitindo a elaboração de contexto de produção de forma precisa, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados. Esse tipo de atividade tem por finalidade oferecer aos alunos práticas de linguagens e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação (DOLZ, 2004 ).

Como a proposta aqui apresentada contemplará alunos de quinta série do ensino fundamental, para essa seqüência foi selecionado o gênero fábulas por se tratar de uma tipologia ainda presente na vida das crianças e por se pressupor que o contato delas com esse gênero seja ainda bem próximo.

Preparamos, então, uma seqüência de atividades planejadas a partir de uma situação inicial, em que os alunos demonstrarão seus conhecimentos prévios, bem como suas dificuldades. Detectadas as dificuldades de comunicação, serão desenvolvidos quatro módulos com o propósito de saná-las, de maneira que seja possível encaminhá-los à produção final.

Este projeto desenvolverá, portanto, o gênero discursivo fábula. Nele, o aluno terá a oportunidade de desenvolver as habilidades de leitura: fazer inferências levando em consideração o conhecimento prévio que tem sobre o assunto; ler com o objetivo estabelecido; perceber os elementos que compõem a estrutura da fábula desenvolvendo procedimentos de leitura e escrita utilizando fábulas variadas.

A fábula é um gênero discursivo com valor literário para os alunos, pois há elementos de comédia e drama. Os atores são na maioria animais, que se comportam como seres humanos e representam hábitos e vícios de sua classe. Por meio dela, os alunos poderão reconhecer ensinamentos e lições de moral, refletindo sobre vícios e virtudes humanas. Dessa forma, o estudo da fábula ocorrerá em um contexto significativo, o que possibilitará que os alunos desenvolvam a leitura e a escrita de textos com intenção de ensinar, aconselhar, convencer, divertir ou criticar.

Espera – se, ainda, que possam identificar as características composicionais do gênero e reconhecê-los em outras circunstâncias.

A produção final consistirá na montagem de painéis e apresentação de teatro e música para toda a escola.

Como esperamos que desenvolvam habilidades de comunicação oral, a apresentação dos resultados deverá ser realizada em uma solenidade programada para esse fim, proporcionando a todos o valor artístico.

Os painéis de fábulas, provérbios e simbologia dos animais serão fixados no corredor da escola à disposição de outros leitores.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Conceito de fábulas

As fábulas são histórias curtas, em prosa e verso, apresentando geralmente animais, sob uma ação alegórica, encerrando uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado. Sua peculiaridade reside fundamentalmente na apresentação direta das virtudes e defeitos do caráter humano, ilustrado pelo comportamento antropomórfico dos animais. O espírito é realista e irônico e a temática é variada: a vitória da bondade sobre a astúcia e da inteligência sobre a força, a derrota dos presunçosos, sabichões, orgulhosos, etc. A fábula comporta duas partes:

- a) Uma narrativa breve.
- b) Uma lição ou ensinamento.

A fábula apresenta uma situação – problema ou conflito – que permite ao leitor refletir sobre fatos, situações ou atitudes. A intenção da fábula é aconselhar ou ensinar, criticar uma situação, apontar atitudes incoerentes ou contraditórias das pessoas e da sociedade (FERREIRA, 1975:1032).

Toda fábula tem uma moral expressa numa frase curta como provérbio ou ditado popular que resume sua intenção.

As fábulas são contadas há mais ou menos 2800 anos.

Para Fedro, poeta que introduziu a fábula em Roma, ex-escravo, perseguido e oprimido pela sanha dos poderosos políticos da época, este gênero literário serviu

para camuflar as críticas e sátiras em defesa de todos os oprimidos pelas injustiças dos tiranos.

(FEDRO apud PORTELLA, 1983:127).

Foram transmitidas oralmente na Grécia no século VI.. a. c. , há 2600 anos por um escrevo chamado Esopo (figura supostamente lendária da Grécia antiga)

Mais tarde, elas continuaram a ser contadas e foram também escritas. Nos anos de 1600 (século XVII), o escritor francês Jean de La Fontaine, reescreveu e adaptou as fábulas de Esopo, além de criar novas.

Muitos outros escritores escreveram fábulas no mundo todo. No Brasil, Monteiro Lobato também recontou as fábulas, através de Dona Benta e Tia Nastácia. Sua forma simples de escrever cativou adultos e principalmente as crianças. Seus primeiros livros foram publicados em 1921.

#### DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA:

Neste primeiro momento, o professor deverá expor, aos alunos, o trabalho que será realizado, com base no gênero fábula. Após este esclarecimento, deve proporcionar, a eles, a contextualização com o tipo de texto a ser estudado. Como estágio preparatório para o estudo, a primeira atividade a ser desenvolvida consistirá em estabelecer contato entre esse tipo de texto e os alunos. Previamente, o professor apresentará as seguintes questões à classe:

- . Você sabe o que é uma fábula?
- . Como se originaram as fábulas?
- . Você já leu ou ouviu alguma fábula? Qual?
- . Se já leu, em que tipo de material? (livro, jornal, revista...)
- . Se já ouviu, quem a contou?
- . Você gosta de ler ou ouvir fábula?
- . Que outro tipo de texto gosta de ler?

Após essa discussão, os alunos deverão expor para a turma fábulas que leram ou ouviram. Em síntese, a primeira atividade ocorrerá por meio de troca de experiências e conhecimentos sobre o tema.

Realizada esta primeira etapa do trabalho, segue-se à seqüência, que será desenvolvida em módulos didáticos, como descritos a seguir.

**MÓDULO 1:** Neste momento, a fim de reforçar o primeiro contato dos alunos com o tema, bem como desenvolver ainda mais a expressão oral, o professor realizará um trabalho dirigido, escrevendo no quadro títulos de fábulas que são, socialmente, mais comuns, mais conhecidas. Em seguida, fará a seguinte abordagem:

- Dessas fábulas, quais vocês conhecem?
- Quem lembra a história de pelo menos uma dessas fábulas?
- Quem são os personagens?
- Como termina a história?

Poderão ser anotadas, no quadro, as colocações dos alunos, para verificação dos conhecimentos prévios acerca do gênero. O professor deve observar se há participação de todos; se já tiveram contato com o gênero; as dificuldades e facilidades dos alunos para expressar oralmente suas idéias ou conhecimentos.

- Solicitar que os alunos façam uma pesquisa sobre fábulas, provérbios e qualidades que são atribuídas aos animais (simbologia). Esclarecer os dados coletados por eles serão utilizados no próximo módulo.

**MÓDULO 2:** Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo fábula. O módulo de leitura visa levar os alunos a tomarem contato com o gênero fábula e a observarem suas características por meio de uma seqüência de atividades em que o professor deverá:

- Apresentar aos alunos cópias de fábulas e livros de fábulas;
- Promover uma conversa sobre a origem das fábulas e as mudanças estruturais e ideológicas entre os autores.
- Promover a leitura silenciosa e oral de uma fábula, junto com os alunos, ajudando-os a perceber as características que compõe este gênero: personagens (animais com comportamentos, qualidades e características,

as quais são freqüentemente comparadas às dos homens); vício ou defeito de caráter e virtude que a fábula aborda; local (espaço) da história, moral e mensagem que ela traz;

Exercícios 1 e 2 seriam resultados da pesquisa sobre a simbologia dos animais e provérbios para confecção de painel.

### Símbolos coletivos

1- São atribuídos aos animais comportamentos, qualidades e características, as quais são freqüentemente comparadas às dos homens. Pesquise o que representam os seguintes animais:  
(as respostas são apenas sugestões)

Águia: **força, argúcia, inteligência**  
 Boi: **retidão, paciência, laboriosidade**  
 Burro: **estupidez, ingenuidade**  
 Cabrito: **agilidade**  
 Cão: **fidelidade, proteção, amizade**  
 Castor: **operosidade, engenhosidade**  
 Cavalo: **inteligência, fidelidade**  
 Cobra: **periculosidade, maldade, solércia**  
 Coelho: **fecundidade**  
 Cordeiro: **ingenuidade, inocência**  
 Formiga: **operosidade, trabalhadora, organização**  
 Galo: **vigilância**  
 Gato: **agilidade**  
 Gavião: **rapacidade**  
 Gralha: **loquacidade**  
 Javali: **ferocidade, força bruta**  
 Leão: **força, majestade, prepotência**  
 Lebre: **rapidez**  
 Lobo: **maldade, prepotência, ferocidade, traição.**  
 Macaco: **caretice, agilidade**  
 Mosca: **impertinência, imundície**  
 Ovelha: **bondade, paciência**  
 Pavão: **vaidade, empatia**  
 Pomba: **simplicidade, pureza**  
 Raposa: **astúcia, esperteza, inteligência**  
 Tartaruga: **persistência**  
 Tubarão: **voracidade, ferocidade**  
 Urubu: **agouro**  
 Veado: **vaidade, feminilidade**  
 Vespa: **ferocidade**

2- Pergunte a seus familiares ou conhecidos se eles conhecem alguns provérbios. Copie, pelo menos três deles e leia-os para seus colegas.



- 3- “A **linha moral**, colocada no final da fábula, geralmente reproduz um **provérbio** ou um **ditado popular**. Através destas frases, a **fábula** revela sua filiação à tradição oral, principalmente por conservar um aspecto marcante dessa cultura, que é o anonimato. Os provérbios, como quaisquer outras criações da cultura orais, só são assim tão facilmente repetidas e eternizadas porque apresenta uma **construção verbal totalmente favorável à memorização**. Sua estrutura se assemelha a uma **poesia mínima**, capaz de se fixar na memória e nela ficar ecoando como uma canção que ouvimos e, mesmo sem saber cantá-la direito, não conseguimos tirar da cabeça. O **provérbio**, embora seja expressão corrente na linguagem popular, é uma **forma literária** que encerra uma **experiência**. Se o aspecto literário procede do arranjo verbal, sonoro e figurado, o conteúdo moral é fruto de uma vivência particular. Este é um aspecto fundamental da cultura popular”.

3.1 A partir de provérbios pode-se, também, elaborar paródias. Foi o que fez o humorista Jô Soares. Leia-as e diga a qual provérbio popular cada uma se refere.

- a) Não há nada como um dia depois da noite.  
**Não há nada como um dia depois do outro.**
- b) Quem semeia o vento não colhe coisa nenhuma.  
**Quem semeia vento colhe tempestade.**
- c) Nunca deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.  
**Nunca deixe para amanhã o que pode fazer hoje.**
- d) Em casa de carpinteiro o espeto é de ferro.  
**Em casa de ferreiro o espeto é de pau.**
- e) A cavalo dado não se olha o dente nem se cheira o hálito.  
**A cavalo dado não se olham os dentes.**

4- Que experiência ou mensagem pode encontrar nestes provérbios?

- a) A cavalo dado não se olham os dente.  
**Não devemos ser exigentes com os presentes que recebemos.**
- b) A fome é o melhor tempero.  
**Quando se tem fome, qualquer comida parece saborosa.**
- c) Amor com amor se paga.  
**Um ato amoroso deve ser retribuído da mesma forma.**
- d) Antes prevenir do que remediar.  
**É melhor evitar o mal do que sofrer suas conseqüências.**
- e) Antes só do que mal acompanhado.  
**É melhor estar sozinho do que em companhia de uma pessoa indesejada.**
- f) Antes tarde do que nunca.

É melhor realizar algo tardiamente do que deixar de realizar.

g) Após a tempestade vem a bonança.

Após momentos difíceis vem a tranquilidade.

h) As paredes têm ouvidos.

Em assuntos secretos devemos duvidar de tudo e de todos.

i) Cada um por si e Deus por todos.

Cada um deve fazer a sua parte, enquanto Deus cuida de todos.

j) Cão que ladra não morde.

Quem faz muitas ameaças costuma não cumpri-las.

k) Quem não tem cão caça com gato.

Cada um deve usar o recurso de que dispõe.

l) Nunca diga: desta água não beberei.

As circunstâncias podem nos levar a fazer coisas que antes condenávamos.

m) Nem tudo que reluz é ouro.

Não devemos julgar as coisas apenas pela aparência.

n) O sol nasce para todos.

Em princípio, todos possuem as mesmas oportunidades.

5- Ilustrar provérbios representando-os através de desenhos.

### **MÓDULO 3:** Sistematização do conhecimento sobre o gênero.

Neste momento, o professor deverá realizar alguns apontamentos acerca do gênero fábulas (histórico, escritores, outras versões de fábulas, etc.). Deverá também instruir os alunos quanto ao seu aspecto estrutural (elementos da narrativa: O quê? Quando? Onde?; discurso direto ou indireto, uso das aspas, narrativa em verso ou prosa).

- Promover a leitura silenciosa e oral de uma fábula, junto com os alunos;
- Promover a leitura individual das outras fábulas selecionadas.
- Propor exercícios escritos sobre quatro fábulas para identificação das personagens, local (espaço) da história, do enredo, da moral e da mensagem que as fábulas trazem.

- Promover a leitura dos textos 5, 6, 7 (em anexo), ajudando-os a perceber a opinião de outros autores.

Análise do texto 1: “A cigarra e a formiga” de Esopo (em anexo)

Estrutura do texto:

- Narrativa escrita em prosa;
- Usa o discurso direto em sua narrativa;
- Uso das aspas para indicar a fala das personagens;
- Citação do tempo: inverno e verão.

MORAL:

Passa-nos o sentimento de aversão por quem não é prudente, que não faz provisões para o dia de amanhã.

Nesse século, os músicos não eram reconhecidos como profissionais, e sim como vadios que não mereciam nenhuma consideração. Portanto, não havia remuneração para quem cantava e a cigarra não fazia outra coisa, a não ser cantar.

Personagens:

Formiga:

- Previdente;
- Impiedosa;
- Irônica;
- Ri daqueles que são imprudentes;
- Julga-se superior à cigarra.

Cigarra:

- Cantora;
- Esfomeada;
- Humilde.

Análise do texto 2: “A cigarra e a formiga” de La Fontaine (em anexo)

Estrutura do texto:

- Narrativa escrita em verso;
- Usa o discurso direto em sua narrativa;
- Uso das aspas para indicar a fala das personagens;
- Citação do tempo: inverno e verão;

MORAL:

O autor não escreve a moral da narrativa, deixando que o leitor participe e reflita sobre o texto, identificando a moralidade presente na fábula.

Personagens:

Formiga:

- Não presta favores;
- Rica, trata a cigarra com avareza;
- Impiedosa;

- Não é solidária.

Cigarra:

- Alegre, passou o verão a cantar, sem pensar em guardar;
- Chega o inverno e não tem provisões na despensa;
- Vizinha da formiga;
- Pede emprestado a formiga algum grão, qualquer bocado;
- Promete pagar com juros, sem demora.

Análise do texto 3: “A formiga boa” de Monteiro Lobato (em anexo)

Estrutura do texto:

- Narrativa escrita em prosa;
- Usa o discurso direto em sua narrativa;
- O autor faz uso de travessão para indicar a fala das personagens;
- Citação do tempo: chuvoso/ruim e estiagem/bom;
- A linguagem é objetiva e reporta uma fala mais moderna.

Personagens:

Formiga:

- Abasteceu suas tulhas;
- Sabe valorizar o chiar da cigarra;
- Acolhe a amiga até o mau tempo passar;
- Vizinha da cigarra;
- De bem com a vida;
- Sensível e solidária.

Cigarra:

- Vive a chiar ao pé dum formigueiro;
- Não constrói a sua casa;
- Não abasteceu as tulhas para os dias chuvosos;
- Sai em busca de abrigo.

Análise do texto 4: “A formiga má” de Monteiro Lobato (em anexo)

Estrutura do texto:

- Narrativa escrita em prosa;
- Introduz o resultado da narrativa no início da fábula;
- Usa o discurso direto em sua narrativa, valorizando a fala do narrador;
- O autor faz uso do travessão para indicar a fala dos personagens;
- Citação do tempo: inverno e verão;
- A linguagem é objetiva e reporta uma fala mais moderna.

Personagens:

Formiga:

- Má e egoísta;
- Incompreensiva;
- Ataca, reage, demonstra os níveis de seus recalques;
- Faz uso de adjetivo pejorativo “vagabunda”.

Cigarra:

- Cantava até cansar;
- Pobre, sem abrigo;
- Pede socorro desesperada à formiga;

- Manquitolava com a asa a arrastar;
- Desprovida de tudo;
- Honesta, promete pagar o empréstimo com juros altos.

Análise do texto 5: “Sem Barra” de José Paulo Paes (em anexo)

- 1- O poeta concorda com a fábula “A cigarra e a formiga”? Justifique sua resposta.
- 2 - Você concorda com José Paulo Paes?

#### **MÓDULO 4:**

- Propor a composição de painéis com as fábulas, provérbios e simbologia dos animais coletados.
- Promover a composição de cenários ou figurinos que serão utilizados na dramatização.
- Propor a encenação das fábulas trabalhadas para a escola ou até mesmo para os pais.
- Introduzir a música como elemento cênico e fazer um trabalho interdisciplinar.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- DOLZ, Joaquim et al. Gêneros orais e escritos na escola/tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- GREGOLIN GUINDASTE, Reny Maria. **Português**. Ed. 7. Colômbia, Editora Módulo, 1996
- LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**. (Trad, De Milton Amado e Eugenia Amado) Belo Horizonte: Itatiaia, 1989 (Grandes obras da cultura universal, V.11)
- LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo, Editora Brasiliense/Editora Pallotti, 1994.
- PAES, José Paulo, **Poemas para Brincar**. São Paulo: Ática, 1989.
- PONGETTI, Henrique. **Fábulas e Contra-Fábulas**. 1969
- ROCHA, Ruth. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

## ANEXO

A seguir apresentaremos algumas versões sobre uma mesma fábula:

### TEXTO 1 - “A cigarra e a formiga” de Esopo

Uma formiga, no inverno, punha ao sol todo o trigo que tinha apanhado durante o verão. Uma cigarra esfomeada vendo as suas provisões aproximou-se e pediu-lhe que lhe desse um pouco do trigo; ao que a formiga respondeu:

“Minha amiga, que fizeste tu no verão enquanto eu trabalhava?”

“Andava cantando pelos bosques”, respondeu a cigarra, “por isso não tinha tempo para arranjar provisões”.

“Pois se cantavas no verão, dança agora no inverno”.

E metendo outra vez o trigo no seu buraco, riu-se da vadiagem e imprevidência da cigarra.

Devemos trabalhar a tempo para que depois não nos falte o sustento.

(ROCHA, Ruth. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.)

### TEXTO 2 - “A cigarra e a formiga” de La Fontaine

A cigarra, sem pensar  
em guardar  
a cantar passou o verão.  
Eis que chega o inverno, e então,  
sem provisão na despensa,  
como saída ela pensa  
em recorrer a uma amiga:  
sua vizinha a formiga,  
pedindo a ela emprestado,  
algum grão, qualquer bocado,  
até o bom tempo voltar.

- “Antes de agosto chegar,  
pode estar certa a Senhora:  
pago com juros sem mora.”

Obsequiosa, certamente,  
a formiga não seria

- “Que fizeste até outro dia:”  
perguntou a imprevidente.

- “Eu cantava, sim, Senhora,  
noite e dia, sem tristeza.”

- “Tu cantavas: Que beleza!  
Muito bem: pois dança, agora...”

(LA FONTAINE, 1989)

“A cigarra e as formigas” de Monteiro Lobato.

### TEXTO 3 - “A Formiga Boa”

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passaram o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Apareceu uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

-Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e o tossir.

-Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

-E que fez durante o bom tempo, que não construiu a sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

-Eu cantava, bem sabe...

-Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

-Isso mesmo, era eu...

-Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou a tosse e voltou a ser alegre cantora dos dias de sol.

(LOBATO, 1994)

### TEXTO 4 - “A FORMIGA MÁ”

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestando notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

- Que fazia você durante o bom tempo?

- Eu... eu cantava!...

- Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou a porta do formigueiro no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu estanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?



(LOBATO, 1994)

O poeta José Paulo Paes também expressou sua opinião a respeito da atitude da cigarra e da formiga:

### TEXTO 5 - SEM BARRA

Enquanto a formiga  
Carrega comida  
Para o formigueiro,  
A cigarra canta,  
Canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.  
A cigarra é só cantiga.

Mas sem a cantiga  
Da cigarra  
Que distrai da fadiga,  
Seria uma barra  
O trabalho da formiga!

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 1989.

### TEXTO 6 - FÁBULA E CONTRAFÁBULA

Dotada de boa cultura, a cigarra estava lendo pela primeira vez o livro de fábulas de La Fontaine. Lendo com verdadeiro gozo espiritual. Bicho servindo de exemplo a gente tem algo de absurdo e de gratuito: mas, se a moral inculcada não dá frutos, o valor literário compensa o tempo gasto na leitura.

Quando chegou na fábula que aponta a cigarra como uma cantora vadia, para exaltar a formiga como exemplo de operosidade, disciplina e previdência, soltou uma sarcástica, retumbante gargalhada.

- Esse La Fontaine devia estar bêbado, maluco ou burro quando escreveu esta bobagem. Ah, ah, ah! Botando nas nuvens a formiga!

la passando uma formiga desgarrada da trilha, às voltas com um pedaço de folha de roseira três vezes o seu tamanho e duas o seu peso: parou bruscamente, largou a carga, e disse em tom áspero:

- Veja lá como fala de La Fontaine! É nosso amigo o peito.  
- Eu sei, e é também o caluniador das cigarras... nosso inimigo do peito.  
- Isso é outro assunto. La Fontaine nos impôs aos homens como um símbolo eterno de amor ao trabalho, de poupança metódica, de organização social e familiar. Queremos que o respeitem e nos respeitem.

- Eu sei. La Fontaine fez da cigarra um símbolo de fatalismo, de falta de senso comum, de vadiagem, de inutilidade, de insignificância artística. Nem ao menos deu importância ao nosso talento musical. Pichou tudo!

- Nada temos com os ressentimentos alheios. Defendam-se. E até outro dia, tenho muito que fazer... como sempre.

la levantando a espetacular carga quando percebeu o desafio: era muito irritadiça, gostava de polêmicas, parecia ter mais ácido acético do que ácido fórmico.

- Se considera verdade indestrutível tudo quando La Fontaine disse da formiga, tenha o cavalheirismo de debater o assunto comigo.

- O cavalheirismo não posso ter, sou uma dama: exprima-se melhor dizendo *damismo*.

- Evite agarrar-se a palavras: agarre-se a argumentos.

- Certo, arranje então um bom argumento contra a sabedoria de La Fontaine.

- Muito fácil: vocês trabalham, é verdade, mas são as operárias do Diabo.

- Operárias do Diabo, nós?! Como ousa dizer uma heresia dessas?

- Sim: trabalham como escravas, esfalfam-se dia e noite, é certo, mas para destruir tudo quanto os homens plantam para viver. Quando não dão cabo de pomares e hortas, destroem jardins e fazendas. Estão sempre botando abaixo o que os homens ergueram com tanto suor, tantas penas, tantas esperanças. São inimigas da humanidade.

- Isso é demagogia barata. Há meio século diziam neste nosso torrão natal que “ou o Brasil acabava com a formiga ou a formiga acabava com o Brasil”. Não acabaram com as formigas, e o Brasil continuou cada vez mais importante, com a agricultura produzindo mais do que as indústrias, o café mantendo o antigo lema de “Brasil, País essencialmente agrícola”.

- O fato de vocês terem fracassado na tentativa de devorar um gigante não absolve da culpa de querer devorar esse gigante. Vocês fizeram tudo e ainda fazem para acabar com o Brasil, apesar do formicida, das guerras santas contra os formigueiros, das campanhas de esclarecimentos e da reforma agrária. Continuaram a servir o Diabo, servirão sempre ao Diabo.

- Com você não se pode discutir. A paixão empaca-a.

- Que é que você está carregando neste instante, e milhares de formigas carregam como você? Folhas e pétalas picadas de roseiras. As roseiras estão em flor enfeitando o mundo, perfumando a vida, e vocês a destroem tendo tanta vegetação espontânea e comestível para alimento, sem prejuízo do alimento do homem. É um crime ou não? ... ponha a mão na consciência.

- Crime é vadiar para cantar. E ainda por cima cantar mal com essa voz metálica e desagradável de serrote.

- Desagradável para você, que não canta. Para Deus sou a voz do sol e do verão, canto inocentemente os dias quentes e azuis, a estação mais alegre e esperada do ano, época das folgas, dos brotos tostadinhos, dos escolares sem aula, dos maridos em férias conjugais na cidade, do chope bem geladinho, dos pássaros com vontade de cantar como nunca. Vivo cantando e morro cantando, mas só queria ver o que estaria escrevendo agora a formiga La Fontaine – se essas roseiras que vocês estão carregando fossem dele...

A formiga entrou no formigueiro de cabeça baixa... nem olhou para o retrato de La Fontaine como fazia sempre. Um retrato de padronizado como existem em todos os formigueiros do mundo: feito em mosaico, de pedacinhos de pétalas secas de flores, flores destruídas em plena beleza... em plena glória.

PONGETTI, Henrique. **Fábulas e contrafábulas**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

Agora responda: O autor reforçou ou ironizou a fábula de Esopo?

## TEXTO 7 - O RAP DA CIGARRA E DA FORMIGA

Saca essa fábula, bicho,  
que vai te deixar cabreiro.  
Num depósito de lixo  
tinha um bruto formigueiro  
O formigueiro falado,  
na verdade, não era mixo  
Foi só pra ficar rimado  
que eu falei que era lixo.  
As formigas ligadonas,  
trabalham noite e dia.  
Ficavam muito doidonas  
plugadas nesse mania.  
Poder crer, não é mentira.  
Um dia, uma punk louca  
que se chamava cigarra  
e achava que era louca  
trabalhar tanto, na marra,  
se meteu com a formigada  
e falou pontificado:  
- trabalhar é uma jogada  
devagar, quase parando.  
Coisa careta, uma fria,

(Jô Soares, Veja, nº 1154, 31/10/90, p.17)

bobeira que eu não assumo.  
E avisou que não curtia  
formigueiro de consumo,  
vai ficar na pior.  
A cigarra se mandou  
dizendo que era besteira.  
Das formigas se afastou,  
cantando um rock pauleira.  
Só voltou quando era inverno.  
As formigas, para esnober, uma  
vez de  
um papo fraterno, foram se  
bacanear.  
Disseram logo: as formigas:  
- Olha, se quiser guarida  
vai pedir pras tuas amigas.  
Nós não damos boa vida.  
E a cigarra: - Eu to na minha...  
Não vim pedir nada.  
Só vim dizer que eu, sozinha,  
fiz a Sena acumulada.